

A língua Apurinã: Um processo de revitalização de uma língua minoritária

*Ana Patrícia Chaves Ferreira**

RESUMO:

O objetivo da comunicação contribui para a reflexão sobre revitalização de línguas indígenas, tendo como referência a língua Apurinã. Sendo o Apurinã uma língua minoritária com relação ao Português, o que se observa é substituição da língua materna e a iminente perda lingüística da língua minoritária. Neste contexto, discutiremos a revitalização do Apurinã através das políticas educacionais atuais, que tem como pano de fundo a interculturalidade e o respeito à diferença. Para uma antropologia do desenvolvimento trago Plumer (1996), para análise da educação escolar indígena e políticas linguísticas, D'Angelis (2000), e para estudo e referência da língua Apurinã Facundes (2000). A pesquisa foi realizada no Sul do Estado do Amazonas no município de Boca do Acre e Pauiní, entre os meses de fevereiro á junho de 2011, tendo como envolvidos diretos: professores indígenas, lideranças, pais e alunos das escolas, bem como falantes da língua materna nas comunidades do povo apurinã. Os resultados alcançados na pesquisa mostram que os apurinãs reconhecem que é imperativo preservar e manter sua língua, que os faz serem conhecidos como apurinã e por meio da qual podem expressar seus conhecimentos ancestrais e sua visão acerca do mundo.

Palavras-chave: língua indígena, revitalização, educação indígena.

*Mestranda em Ciências da Linguagem pela UNIR-Universidade Federal de Rondônia. Assessora do programa PADESSI-Acre Sul Do Amazonas - Pedagoga do COMIN-Conselho de Missão entre Índios.

Abstract

The grau of the communication contributes to the reflection on revitalization of indigenous languages, having as reference the Apurinã language. Being the Apurinã a minority language with respect to Portuguese, where there is replacement of the tongue and the imminent loss of linguistic minority language. In this context, we will discuss the revitalization of current educational policies through Apurinã, which has the background of multiculturalism and respect for difference. For an anthropology of development bring Plumer (1996), for analysis of indigenous education and language policies, D'angelis (2000), and for study and reference of the Apurinã language Facundes (2000). The survey was conducted in the South of the State of Amazonas in the municipality of Boca doce and Pauini, between the months of February to June 2011, having as direct involved: indigenous teachers, leaders, parents and students of schools, as well as mother-tongue speakers in the communities of the apurinã people. The results achieved in the survey show that the apurinãs recognize that it is imperative to preserve and maintain their language, which makes them be known as the apurinã, and through which they can express their ancestral knowledge and his vision about the world.

Key words: indigenous language, revitalization, indigenous education.

Introdução

Este trabalho objetiva discutir questões relacionadas à situação de contato entre línguas, situação sociolingüística da língua, à perda lingüística, revitalização e o bilingüismo por parte de uma língua minoritária do povo apurinã. Baseada, sobretudo na leitura de material bibliográfico e de minhas experiências de trabalho com educação escolar indígena no campo da revitalização da língua apurinã, sendo também essa língua o foco da minha pesquisa de campo do mestrado, me permito falar numa “naturalidade” aos itens acima mencionados numa tentativa de identificar e entender a língua apurinã e o seu processo de revitalização como língua minoritária.

Para este caminho, busquei como referencia para uma antropologia do desenvolvimento (PLUMMER, 1996) , para análise da educação escolar indígena e

políticas linguísticas (D'ANGELIS-2000), e para estudo e referencial da língua apurinã (FACUNDES, 2000).

Por diversos motivos, esse povo tem vivenciado uma série de transformações, social, econômica, lingüística e cultural, devido a sua integração na sociedade nacional. Os apurinã hoje estão em busca de respostas para as grandes transformações pelas quais passaram desde os primeiros contatos até os dias atuais, e uma das principais respostas é sobre a revitalização da sua língua materna tendo como pergunta: porque revitalizar a língua apurinã?

Entre os apurinã percebe-se o estreito relacionamento existente entre a língua e a construção de sua identidade. Por meio da língua, as sociedades humanas elaboram grande parte do conhecimento que detêm a cerca do mundo. Por esta razão, quando se fala em perda lingüística, inevitavelmente, fala-se também em perda de uma parte substancial por meio do qual se veiculam pensamentos, crenças, visão de mundo, conhecimento, tradições e cosmo visão de um povo.

E para os apurinã, a pergunta de porque revitalizar a língua apurinã, têm como resposta todos os aspectos anteriormente citados. Assim, segundo Plummer² (1996, p.370). “(...) as pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem”.

Para os apurinã uma das formas mais eficazes de se revitalizar sua língua materna é por meio da escola, os professores apurinã são agentes mediadores e dinamizadores que articulam a tradição oral com a incorporação de um produto cultural da sociedade dominante- a escrita- por meio do uso de sua língua, enquanto marca identitária, e da recuperação e registro da tradição cultural.

Deste modo, a educação escolar entre os apurinã, cuja tradição está vinculada a uma política assimilacionista de eliminação da diversidade étnica, passa a fazer parte de suas estratégias de resistência e revitalização de sua língua materna.

²PLUMMER, Ken. Identidade. In: Dicionário do pensamento Social do Século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996

Quem são os apurinã

Os apurinã autodenomina-se *pupŷkary*, não existem dados consistentes sobre a população, mas gira em torno de 4 mil pessoas. Eles dividem-se em dois clãs, *Xuapurunery* e *Metumanety*. A linhagem é passada de pai para filho e o casamento correto ocorre entre dois clãs, para os apurinã, casar dentro do mesmo clã é casar entre irmãos, onde dois membros do mesmo clã usam ao dirigir-se um ao outro (*nutaru*, irmão, *naturu*, irmã). Hoje para os apurinã seguir ou não essas regras de cujo social interno, oscila muito, pois muitas das comunidades possuem os dois clãs gerando assim, sérios problemas para os mais jovens, que desejam casar e constituir família da forma adequada, ou seja, segundo a tradição apurinã. Uma outra característica marcante é sobre as restrições alimentares que cada clã têm. Os *Xuapurunery* não comem o inhambu-relógio e o inhambu-macucau. Os *Metumanety* não comem caititu. Além da divisão em clãs, os Apurinã também se subdividem em grupos familiares designados por um animal, como por exemplo: *kyryakury* (grupo do rato), *exuwakury* (grupo do tamanduá-bandeira).³

Ocupando as terras firmes, acampando nas praias dos rios apenas na época da desova dos quelônios, os Apurinã mantiveram-se como um povo considerado arredio e perigoso durante muito tempo. Os primeiros contatos dos Apurinã com a sociedade envolvente foram com os espanhóis durante a primeira metade do século XIX. Do lado português, Manoel Urbano da Encarnação, que já andava pelo Purus na extração das “drogas do sertão” muito antes de 1845 e que posteriormente se estabeleceu como um seringalista, atraiu e “pacificou” algumas aldeias.

Desde então, tem ocorrido um processo longo e gradual de aculturação, “transformação” dos Apurinã em seringueiros e ribeirinhos. Nesse sentido, já em maio de 1898, o governo republicano criou um decreto de regulação dos serviços de catequese e civilização dos índios. A idéia era assentar os índios em lotes para os de 1898, o governo republicano criou um decreto de regulação dos serviços de catequese e

³Cf. SCHIEL, Juliana. **Tronco Velho**: Histórias apurinã. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 62

civilização dos índios. A idéia era assentar os índios em lotes para os converter em agricultores. A partir de 1910, com a criação do Serviço de de Proteção aos Índios (SPI), os Apurinã foram submetidos a esse modelo.⁴

Temido por ser um povo guerreiro, os Apurinã ocupavam, tradicionalmente, as margens do Médio Rio Purus e seus afluentes, desde o Sepatini até o Hyacu (Iaco), além dos rios Aquiri (Acre) e Ituxi. Atualmente, estão dispersos em 36 Terras Indígenas (requeridas pelos indígenas, identificadas, demarcadas ou homologadas), ao longo do Rio Purus e seus afluentes, na bacia do Rio Madeira, como é o caso dos Apurinã que vivem na Terra Indígena Torá, nos municípios de Manicoré e Humaitá ou ainda no Solimões, nos municípios de Manaquiri, Manacapuru, Beruri, e Anori.

No Alto Solimões, no Município de Santo Antônio do Içá, ainda podem ser encontrados na Terra Indígena São Francisco. Além desses municípios, os Apurinã estão localizados nos municípios de Tapauá, Lábrea, Pauini e Boca do Acre, na baciado Purus. Também podem ser encontrados em torno de 400 indivíduos vivendo na cidade de Rio Branco, no Acre. Há ainda mais ou menos 60 indivíduos na aldeia *Mawanat*, na Terra Indígena Roosevelt em Rondônia, que para lá migraram em 1983 quando um índio munduruku e sua esposa Apurinã, funcionários da FUNAI, foram transferidos para Cacoal, Rondônia.

O processo de aculturação que se seguiu durante todo o século XX, levou os Apurinã a serem confundidos com qualquer outro seringueiro, posseiro ou ribeirinho. Hoje muitos Apurinã não vivem mais em aldeias, mas estão espalhados em lotes por suas terras recém re-conquistadas ou por re-conquistar.

A língua apurinã e sua situação sociolinguística

A língua apurinã segundo Facundes (2000), pertence a família Maipure, ou Aruák. Entre o povo Apurinã existe um número reduzido de falantes fluentes da língua apurinã com diferentes graus de competências, e com um domínio da escrita que encontrasse em

⁴ Cf. KROEMER, Gunter. **Cuxiuara**, o Purus dos indígenas: Ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus. São Paulo: Loyola, 1985. p. 46; 63; 89; 91.

via de formação.

Percebido e entendido entre os Apurinã, o bilinguismo é uma característica marcante atualmente, tendo o português como língua principal na maioria das comunidades, ou seja, como primeira língua, mas também em outras comunidades se tem a língua apurinã como primeira língua sendo essa então a língua que melhor dominam. Todavia algumas comunidades possuem graus de bilinguismos em maior ou menor escala, resultado de vários fatores, pois o contexto de atrito linguístico em que se encontra o povo apurinã consistentemente tem provocado perda linguística para algumas comunidades, que é perceptível de diversas formas. Esse processo de fragilização linguística dentre muitos fatores, está associada a um conjunto maior de disputa entre a sociedade envolvente e a sociedade Apurinã que se caracteriza como : disputa pela terra, por mão-de-obra barata, pelos recursos naturais, pelos conhecimentos ancestrais e outros. Nesse contexto, uma combinação de fatores não-linguísticos e linguísticos reforça a situação no caso apurinã. Todavia, a cultura Apurinã é o conjunto de respostas às experiências e desafios pelas quais esse povo vive, sua língua, bem como sua cultura vão sendo moldados ao longo do tempo.

A fragilização da língua Apurinã passa por um processo gradual, causado por um conjunto de fatores que se pode prever, ou seja, ao invés de uma morte imediata da língua, a assimilação de sua língua e cultura pela sociedade envolvente infelizmente se faz de forma involuntária e violenta, ter ou não ter contato com a sociedade envolvente, falar ou não falar o português é um comportamento que não depende mais dos Apurinã, uma vez que o contato com a sociedade envolvente é importante para a própria existência do povo Apurinã.

Nesse processo linguístico de transformação, a perda da língua apurinã é tão rápida que mesmo o indivíduo aprendendo primeiro a língua apurinã, logo a substituição pela língua portuguesa será feita, no processo imposto por uma língua majoritária que é entendido como processo natural, e acaba que a habilidade desse falante em língua apurinã se torna restrito por falta de comunicação entre falantes de uma mesma língua.

O povo vive uma situação de contato intenso e extensivo com o português brasileiro no dia-a-dia, numa situação de relação de crescente dominância. Como consequência

deste tipo de relação, eles vêm experimentando um grau de redução do uso da língua extremamente intenso.

Educação e ensino de uma língua minoritária

Assim é que Ribeiro (1957) calcula em 1.000.000 a população indígena na época da chegada da frota de Cabral, que teria baixado para um máximo de 100.000 no século atual. Até a década dos 50 do século passado os nossos livros escolares pouco ou nada diziam dessa política de extermínio cultural. Hoje em dia Rodrigues (1993) estima que, às vésperas da conquista, eram faladas 1.273 línguas. Hoje, estima-se a população indígena em 350.000 pessoas e 206 etnias. São cerca de 180 línguas, das quais a grande maioria se encontra na região amazônica, para uma população que se distribui em 41 famílias, dois troncos, uma dezena de línguas isoladas.

No Brasil o processo de políticas de educação e língua minoritárias, como as línguas indígenas é um processo recente, logo não se têm tantos exemplos de experiências nesse sentido que deram inteiramente certo, na tentativa de revitalização de uma língua minoritária.

Quando os pais deixam de ensinar aos filhos sua língua materna essa língua conseqüentemente passará por um processo de degradação e até perda da língua, pois o contato com a língua majoritária vai ganhando cada vez mais espaço nas interações familiares, sendo a língua materna de extrema importância nos espaços familiares. Porém é importante ser percebida em toda comunidade, o querer revitalizar essa língua minoritária.

É uma prática comum em algumas escolas das comunidades apurinã o bilinguismo, sendo que em algumas comunidades, a língua apurinã é vista como língua estrangeira, pois nas escolas é falado o português, e se tem um dia da semana para se estudar a língua apurinã, onde muitas das vezes nem o próprio professor apurinã tem domínio sobre a língua, consegui apenas falar algumas palavras e poucas frases que ele pesquisou ou aprendeu com um falante mais velho. Todavia essa pequena iniciativa desses professores,

tem uma importância fundamental no processo de revitalização da língua, pois o processo de educação diferenciada em algumas comunidades apurinã é um processo recente, pois o modelo de educação que era ministrada era a educação rural, comprometendo ainda mais essa língua minoritária e a educação indígena apurinã.

A língua apurinã possui status de uma língua minoritária e de pouco prestígio para a sociedade nacional, pois é uma língua de minoria que também não possui prestígio, pelo contrário, sofreu e sofre com preconceito e discriminação que estão enraizados na sociedade nacional. Entretanto essa realidade têm também imposto novos paradigmas para a educação escolar apurinã, onde mais ou menos dez anos atrás iniciou-se um projeto de revitalização dessa língua, tendo como parceiros universidades federais, pesquisadores, professores, falantes da língua apurinã e outras instituições não governamental com o objetivo de fazer conhecida essa língua indígena dentre tantas outras línguas minoritárias e resgatar uma das marcas identitárias do povo apurinã de maior prestígio no passado não muito longínquo, a sua língua materna.

Esse esforço tem sido percebido pelo povo apurinã, em suas comunidades, claro que em algumas bem mais visíveis que em outras, para algumas comunidades revitalizar a língua apurinã, é ouvir as vozes dos seus antepassados, para outra que passaram e que ainda continuam passando por um processo de aculturação muito forte e violento, a língua apurinã, é só mais uma língua, e que para eles no presente momento a língua portuguesa é prioritária, pois é essa língua que dará a continuidade de sobreviverem, pois o processo de envolvimento com a sociedade nacional é tão vigente, que não falar português nessas comunidades, é como está fora do território nacional.

Nas comunidades apurinã, esse esforço coletivo de revitalizar a língua materna, nos últimos tempos têm ganhado força, e as escolas mais do que nunca tem uma importância crucial nesse esforço, tramando um novo cenário para essa língua e educação diferenciada. Embora que ainda de forma tímida, mas precisa, esse esforço coletivo junto as escolas das comunidades apurinã, tem como protagonistas seus próprios falantes, que são principalmente os mais velhos, numa faixa etária de 60 a 85 anos, que são detentores de uma tradição oral, e que com a ajuda de pesquisadores linguistas e professores apurinã, dão vida a língua apurinã através do registro da grafia, ou seja, da escrita em apurinã.

A língua apurinã e as políticas linguísticas

Quando uma comunidade indígena vê que a língua portuguesa começa a ser falada cada vez mais pelos seus membros, que se tornam bilíngües, ela tem razão de se preocupar e pensar numa política lingüística para defender e manter sua própria língua. De fato, na situação de pressão que vive os povos indígenas no Brasil, as comunidades indígenas são obrigadas a aprender e a usar o Português e, além disso, acaba deixando a língua portuguesa entrar mais e mais em suas áreas ou em suas casas através de funcionários do governo (de todos os níveis), através de documentos, jornais e revistas, através da escola e através do rádio e da televisão. Nesse ponto, as comunidades claramente têm que decidir se querem ou não querem continuar falando sua língua, a língua que receberam como uma herança preciosa, dos seus antepassados. ⁵

Política Lingüística é uma proposta sobre a situação lingüística de uma comunidade.

Normalmente as Políticas Lingüísticas surgem onde existe mais de uma língua sendo usada em uma comunidade ou, pelo menos, mais de um dialeto de uma mesma língua.

Escolher entre usar a escrita ou não em sua comunidade, na língua própria ou na língua portuguesa, já é uma escolha lingüística importantíssima, que define muito da política lingüística de um povo ou comunidade indígena. E, uma vez que a comunidade julgue importante usar a leitura e a escrita, decidir a política de alfabetização é parte inseparável da política lingüística geral, e terá de ser coerente com ela.

Sabe-se que, embora a política lingüística de um Estado nem sempre seja explícita, muitas organizações, entidades ou segmentos específicos da sociedade também podem definir e defender uma política lingüística, mas só o Estado tem poder para implementá-la, colocá-la em prática, através de um planejamento lingüístico. Nesse caso, o Estado está representado pelo Ministério da Educação e Cultura, o MEC. Mas seu poder real é bastante limitado quanto a fazer cumprir certas diretrizes federais nas instâncias estaduais e principalmente municipais.

⁵ D'ANGELIS-Lingüista, indigenista, professor no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, naUnicamp.

Paralelamente, nem as organizações indígenas e entidades de apoio, e menos ainda os professores indígenas, têm poder para mudar a situação.

Do ponto de vista das pesquisas sociolinguísticas, politicamente é sempre mais recomendável alfabetizar em língua materna (se a política linguística da comunidade for de valorização e vitalização de sua própria língua).

Para os apurinã em relação à língua portuguesa, o que se observa é que há crenças sobre a língua e o seu ensino que são diversas e contraditórias. A língua portuguesa é colocada no discurso de grande parte dos professores, por um lado, como a “língua do branco”, “língua do colonizador”, “língua do invasor”. Não seria a língua do índio. Inclusive é preciso compreender essas crenças dentro do processo de construção identitário desse povo que teve um contato violento com a língua portuguesa, e também, do estranhamento quando se trata do índio que fala o português ou já não incorpore os diacríticos da cultura que corresponderiam ao imaginário de um “índio exótico”, que vive na selva.

Os apurinã têm expressado preocupação com sua língua, e que futuro terá, isso tem sido apresenta de forma bem clara. Qual a importância da língua materna para esse povo? Porque revitalizar a língua apurinã? O que implica com a perda da língua apurinã? Quem ganha e quem perdem deixando de falar em apurinã? São perguntas feitas pelos próprios apurinã onde se percebeu o grau de preocupação por parte de algumas comunidades, que têm objetivado ações de políticas linguísticas em função da língua apurinã, essas políticas linguísticas embrionárias entre os apurinã caracteriza então para esse povo uma nova era de educação e revitalização de sua língua materna, que por vários fatores em algumas comunidades esteve a beira da perda linguística, e hoje em muitas comunidades apurinã pensar em educação diferenciada é pensar em revitalização da sua língua materna.

Considerações finais

Por fim, a busca de soluções no que tange a revitalização de uma língua minoritária indígena e em especial a língua apurinã do qual este trabalho se refere, tem uma base legal e conceitual positiva, protagonismo e autonomia indígena. No entanto, a base político-administrativa do nosso país onde se alicerça a políticas linguísticas, é ainda extremamente excludente e injusta. Por outro lado, as comunidades indígenas respondem a essas representações de formas diversas.

O professor apurinã, é visto nesse processo como um multiplicador do saber lingüístico, sendo um colaborador na dinâmica de constituir micro-políticas para a preservação e revitalização da língua apurinã, dependendo do contexto e da realidade lingüística de cada comunidade.

Assim, a complexidade do processo de revitalização da língua apurinã, mesmo entre os representantes de uma pequena comunidade como a da aldeia, se faz na tensão entre a conservação e valorização do seu patrimônio tradicional, vivo ainda na memória e na vida cotidiana, e, ao mesmo tempo, profundamente alterado pelas interlocuções com o mundo de fora que os quer exóticos em suas vidas e línguas, e fluentes no contato com as línguas alheias.

Sendo assim, o desafio está posto. Os apurinã reconhecem que é imperativo preservar e manter sua língua, que os faz serem conhecidos como apurinã e por meio da qual podem expressar seu conhecimento tradicional e sua visão acerca do mundo.

O objetivo de valorizar e de recuperar a língua apurinã, implica em uma série de ações pautadas principalmente no processo de educação escolar diferenciada, pois, aprender a ler e escrever em Apurinã, será um novo começo da história da língua desse povo, que politicamente têm se organizado, só faltando agora, ações dos órgãos competentes no campo da lingüística e educação .

Referencias bibliográficas

Alvares, Myriam M. 1999 - "A educação indígena na escola e a domesticação indígena da escola" **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Série Antropologia. Vol. 15. Belém, Par

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil* 1998. Brasília, 1997.
-. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras (1969). In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (org.). **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 187-227.

CIMI. <<http://www.cimi.org.br>>, 11 de agosto de 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: Mito, história, etnicidade**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 88.

5 D'ANGELIS-Lingüista, indigenista, professor no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, naUnicamp. texto elaborado, originalmente, para estudo e debate de professores Kaingang do Rio Grande do Sul, em evento de formação continuada ocorrido em 2000.

D'Angelis, Wilmar. 2000 – “Contra a Ditadura da Escola”. In: **Cadernos CEDES**. N 49. Campinas: Unicamp

EMIRI, Loretta; MONSERRAT, Ruth, orgs. 1989 - **A conquista da escrita** : encontros de educação indígena. São Paulo : Iluminuras; Cuiaba : OPAN.

FACUNDES, Sidney da Silva. 2000b. The Language of the Apurinã People of Brazil (maipure/arawak). Dissertation (Unpublished Ph.D) –University of New York atBuffalo.

FACUNDES, Sidney da Silva. 2002. The Comparative Linguistic Methodology and its Contribution to Improve Knowledge of Arawakan. In: HILL, Jonathan; MORAES, Fernando (Ed.). Comparative Arawakan Studies: Rethinking Language Family and culture in Amazonia. Urbana and Chicago: University of Illinois Press. p. 74-96.
HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.).

MEC. 1998. O governo Brasileiro e a Educação Escolar Indígena. Brasília.

_____1998 **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília

_____1995. “Bilinguismo e escrita”. Conferencia proferida no 10 Cole. Campinas.

PLUMMER, Ken. Identidade. In: Dicionário do pensamento Social do Século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996

Cf. KROEMER, Gunter. **Cuxiuara**, o Purus dos indígenas: Ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do Médio Purus. São Paulo: Loyola, 1985. p. 46; 63; 89; 91.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo, Loyola, 1986.

Cf. SCHIEL, Juliana. **Tronco Velho**: Histórias apurinã. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 62.